

*Sobre a medicina antiga*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

HIPÓCRATES

*Sobre a medicina antiga*



Tradução, apresentação e comentários

Rafael Huguenin, Rodrigo Pinto de Brito e Sussumo Matsui

Apresentação

Silvio Marino



© 2024 Editora Unesp

Título original: ΠΕΡΙ ΑΡΧΑΙΗΣ ΙΗΤΡΙΚΗΣ

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

H667s

Hipócrates

Sobre a medicina antiga / Hipócrates; traduzido por Rafael Huguenin, Rodrigo Pinto de Brito, Sussumo Matsui; apresentação de Silvio Marino. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-57111-208-3

1. Medicina. 2. Medicina antiga. I. Huguenin, Rafael. II. Brito, Rodrigo Pinto de. III. Matsui, Sussumo. IV. Marino, Silvio. V. Título.

2024-310

CDD 610

CDU 61

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## *Sumário*

|                                  |           |
|----------------------------------|-----------|
| Apresentação .                   | 7         |
| Abreviaturas e referências .     | 19        |
| <b>Sobre a medicina antiga .</b> | <b>21</b> |
| Comentários .                    | 67        |
| Referências bibliográficas .     | 111       |



## Apresentação

### I

Apresentar brevemente *Sobre a medicina antiga* não é uma tarefa simples, pois se trata de um dos textos da assim chamada *Coleção hipocrática* mais estudados hoje em dia, sendo objeto de inúmeros ensaios e várias edições. Tentaremos, portanto – dentro do limite de espaço e de nossas capacidades –, apresentá-lo em alguns pontos, para introduzir ao leitor, especialista ou não, este texto tão fascinante e importante pelas doutrinas nele contidas, na esperança de que a tradução que se segue possa ser ferramenta para estudiosos, estudantes e curiosos da cultura grega e de sua emergente ciência.

O tratado, que ficou conhecido pelo nome latino *De prisca* (ou *vetere*) *medicina*, teve recepções distintas ao longo de sua história. Como destaca Jacques Jouanna (1990, p.7) em sua edição crítica, esse escrito não obteve grande atenção durante a Antiguidade, tanto é que Galeno, atento comentador das obras hipocráticas, não lhe destinou nenhum comentário. Porém, *Sobre a medicina*

*antiga* tornou-se um dos tratados mais estudados, se não o mais estudado, na época contemporânea.

Essa fortuna do texto em época recente é testemunhada pela importantíssima edição crítica, com tradução francesa, feita por Emile Littré: o primeiro dos dez volumes que compõem a edição completa, publicado em 1839, conta com um prefácio e uma introdução que somam mais de quinhentas páginas. *Sobre a medicina antiga* é o único tratado desse primeiro volume, e foi escolhido pelo médico e filólogo francês para abrir as obras completas de Hipócrates.

Na Antiguidade, encontramos *Sobre a medicina antiga* na lista das obras autênticas de Hipócrates no famoso catálogo de Erotiano, gramático e glosador do século I d.C., que nos deu a primeira lista das obras do mestre de Cós. Ademais, Erotiano coloca esse escrito entre os que tratam da *tekbne* e, de fato, *Sobre a medicina antiga* trata da questão da *tekbne* – assim como, por exemplo, *Sobre a arte* – e pode ser considerado um discurso epidíctico, destinado à declamação pública, assim como eram declamados os discursos dos sofistas e dos oradores, como Górgias. Ele se apresenta dividido nas nossas edições em 24 capítulos de comprimento variável.

*Sobre a medicina antiga* apresenta vários núcleos temáticos de grande importância para a arte médica, que naquela época estava se definindo e dando para si um estatuto epistemológico forte. De fato, este escrito trata da fundação epistemológica da arte médica, da crítica à medicina de cunho *physiológico*, do começo da humanidade – ou seja, de como a espécie humana se diferenciou dos animais –, da história da medicina, das concepções do alimento e do corpo humano, dos regimes de vida, do surgimento das doenças, das qualidades (δυνάμεις) presentes nas substâncias e nos corpos, além de como curar os doentes.

Perante esse grande leque de assuntos, gostaríamos de apenas dar algumas coordenadas para introduzir o leitor ao texto, destacando os pontos mais relevantes que mostram a profunda reflexão do nosso autor.

O primeiro dos assuntos que devem ser destacados é, com certeza, a demonstração da existência da arte médica (τέχνη ἰατρική), porque é a partir dele que os demais assuntos tomam força e consequencialidade. No primeiro capítulo, o autor começa seu discurso criticando os que põem “postulados” – ou “hipóteses” – para tratar da medicina e da origem das doenças. Ao longo de todo o tratado, o autor se esforça para demonstrar a diferença de âmbito epistemológico entre a arte médica e a “investigação sobre a natureza” (ἱστορίη περὶ φύσιος no grego jônico, a língua da ciência grega e dos tratados da *Coleção hipocrática*), e isso por um motivo bem claro: a investigação sobre a natureza, que no capítulo 20 é denominada “*philosophie*” (sempre no jônico: φιλοσοφία), põe um ou dois “princípios”, que o nosso autor chama de “hipótese” (ὑπόθεσις), para explicar todos os fenômenos patológicos. Essas “hipóteses” não são outra coisa senão o “quente”, o “frio”, o “seco” e o “úmido”, ou seja, as duas duplas de qualidades-propriedades (δυνάμεις) mais empregadas pelos autores que discutem as coisas naturais. O nosso autor, todavia, indo contra essa vertente da medicina, mostra o porquê de não ser possível que uma ou duas *dynameis* possam dar conta de todo o espectro das infinitas manifestações patológicas. De fato, o autor destaca que uma propriedade-qualidade não se encontra isolada, mas sempre junto a outras propriedades-qualidades, e, portanto, não é correto considerar somente uma ou duas delas como causa dos fenômenos patológicos ou dos processos que se desencadeiam

no corpo humano. É preciso considerar a mistura, a *krasis* (no jônico: κρήσις), das propriedades.

Para entender a importância e a revolução que, de certo modo, o autor está propondo, é preciso abordar a questão dos alimentos e a concepção do corpo humano que este tratado apresenta. Para a medicina dietética, vertente à qual pertence este tratado, a saúde e a doença derivam do equilíbrio das propriedades-qualidades que estão dentro de um ser humano. O estado de um corpo, ou seja, a determinada condição em que um corpo se encontra, pode ser modificado pelo que entra nele, sejam alimentos ou bebidas. A tarefa do médico é, portanto, controlar o que entra no – e também o que sai do – corpo humano, pois o médico deve harmonizar os alimentos com a específica condição na qual um corpo se encontra. Dito de outra forma, ele deve medir a força dos alimentos e das bebidas com base na força do corpo; deve fazer com que o corpo possa digerir – mas é interessante que o verbo grego usado seja κρατέω (*krateo*), que significa “dominar” – o que é introduzido no corpo. De fato, a alimentação, o processo pelo qual o ser humano se nutre, é concebida como uma luta entre o corpo e as substâncias ingeridas, é um campo de luta entre forças cujo resultado determina o estado de saúde ou o surgimento da doença, até o extremo que é a morte do doente. O princípio primeiro é, portanto, regular a força dos alimentos com base na força do doente para que este não perca essa luta.

O escopo de toda ação terapêutica é o de mudar a disposição de um corpo doente para uma disposição saudável. Aqui, encontramos duas noções-chave de todo o tratado e, mais em geral, de muitos tratados médicos: mudança (μεταβολή) e disposição-condição (ἔξις). Cada corpo se encontra em uma

determinada disposição, que pode ser boa ou má. Se for má, isso significa que o corpo ou está doente ou prestes a se tornar tal; por isso, o médico deve conseguir efetivar uma mudança, a do estado doentio para o estado de saúde. Dito de outra forma, a medicina pode ser definida também como a “ciência das mudanças”, e essas mudanças são efetivadas por meio do “regime” – *δίαιτα*, *diaita*, de onde vem o português “dieta” –, que significa “modo ou estilo de vida”. Essas mudanças devem conseguir restabelecer uma boa *krasis*, isto é, uma boa mistura entre as propriedades-qualidades que estão dentro do corpo. Mas como fazê-lo? Proporcionando alimentos que, em si, não sejam patogênicos, ou seja, que possuam uma boa *krasis* entre as várias propriedades-qualidades. De fato, como o autor explica no capítulo 14, todas as *dynameis* que têm uma boa *krasis* não determinam distúrbios no corpo. Diferentemente, se um alimento apresentar uma *dynamis* separada e isolada das outras, ao ingressar no corpo, determina também uma separação correspondente das *dynameis* que estão dentro do corpo. Isso mostra que, para o autor, há um *isomorfismo* entre alimento e corpo: ambos contêm *dynameis* e em ambos há a mesma dinâmica dessas *dynameis*.

O que expusemos nos permite explicitar a crítica que o autor lança contra os que põem “hipóteses” na medicina. Para nosso autor, estabelecer um só princípio para explicar os processos que se desencadeiam no corpo humano significa não entender os elementos envolvidos nesses processos. O corpo humano, assim como qualquer alimento ou bebida, possui uma grande variedade de *dynameis*, e é preciso conhecer como estas se juntam e o que determina cada mistura como um todo (*ὅλον*), e não cada propriedade separadamente. Todavia, há um outro

aspecto importante nesta contenda entre o autor deste tratado e os *physiologi*: os que põem “hipóteses” – ou “princípios” – para a medicina estão tentando englobar a medicina dentro do domínio mais amplo da investigação sobre a natureza. O nosso autor, ao contrário, primeiramente separa, de maneira forte, o âmbito da investigação sobre a natureza e o âmbito da medicina, para que o âmbito epistemológico desta última tenha total autonomia científica; e depois faz a operação inversa, isto é, engloba a investigação sobre a natureza dentro do domínio da medicina – e o faz por meio da referência ao método que a medicina possui. No capítulo 20, de fato, o autor afirma que um conhecimento certo sobre a natureza não pode ser alcançado senão por meio da medicina. Estamos, portanto, diante de uma disputa entre a medicina e a “investigação sobre a natureza” que se coloca no nível do conceito de “progresso”, fundamental neste período.

Todavia, para que a medicina ganhe essa disputa, o autor deve demonstrar a existência da arte médica. Tal demonstração passa por dois pontos importantes: o primeiro é a história da medicina, a “antiga” e a nova”, e o segundo é a demonstração de que há, de fato, profissionais que possuem um saber específico capaz de alterar as condições dos doentes. Quanto a esse segundo ponto, o autor demonstra facilmente que há profissionais bons e profissionais ruins, e que, portanto, se se pode fazer uma distinção entre esses dois grupos de médicos, isso significa que há um método correto e um incorreto, e onde há o correto (*τὸ ὀρθόν*) há também ciência e técnica.

O primeiro ponto é digno de ser destacado com mais ênfase porque remete não somente à medicina enquanto técnica-ciência, mas também ao começo da humanidade. A demons-

tração da existência da τέχνη ἰατρική (a arte médica) é desenvolvida pela apresentação de um dado de fato, ou seja, a existência, desde a origem da humanidade, da culinária, do processamento dos alimentos. Isto não é outra coisa senão a “antiga medicina”, aquela *tekhne* que fora inventada para modificar e tornar os alimentos – ervas, legumes, carnes etc. – mais digeríveis para os seres humanos em estado de saúde. E note-se, *en passant*, que o autor colhe um aspecto importante da evolução das espécies humanas assim como os paleontólogos apontam: a posse do fogo, o cozimento dos alimentos, a liberação dos músculos do rosto e a conseguinte modificação na estrutura craniana permitiram uma articulação mais ampla da fonação. Se falamos, é graças à posição ereta e aos alimentos cozidos, mais macios, que não mais precisavam de uma forte musculatura da mandíbula. Os dados paleontológicos confirmam o que o nosso autor sustenta: a culinária, as técnicas de processamentos dos alimentos, modificam o ser humano.

Ora, para o nosso tratado, nenhum detrator da *tekhne* médica poderia negar que há a técnica do cozimento dos alimentos, embora o nosso autor destaque o fato de que, propriamente, não se deveria falar de “*tekhne*” para um saber que é compartilhado por todos os seres humanos. O autor é muito claro a respeito da existência da arte médica: esta, a “nova” medicina, trata dos regimes para os doentes, dado que estes não podem comer os mesmos alimentos que os sãos. Mas essa “nova” medicina não é outra coisa senão uma adaptação da “antiga”, que foi procurada para proporcionar aos sãos regimes apropriados, em lugar dos regimes ferinos e selvagens que causavam distúrbios até nos seres humanos sãos. Portanto, o autor afirma

que o método tanto da “antiga” quanto da “nova” medicina é único, e a “nova” se distingue da “antiga” apenas pelo fato de que a “nova” elabora regimes para os doentes e não para os sãos. Essa unicidade do método é o que permite ao autor demonstrar a existência da medicina pelo fato de que ela, simplesmente, já existia.

Podemos resumir, agora, os dois pontos destacados. De um ponto de vista epistemológico, *Sobre a medicina antiga* consegue afirmar um princípio basilar da ciência: não se pode tratar de hipóteses ou de assuntos que não sejam verificáveis. A rejeição da investigação sobre a natureza – assim como será para Pólibo, genro de Hipócrates e autor de *Sobre a natureza do ser humano* (cf. cap. I) – é propriamente a rejeição de tudo o que não pode ser verificado na experiência direta do médico ou do cientista. Formular hipóteses sobre a natureza do todo para depois, a partir dela, entender a natureza do ser humano significa “chutar”, se nos é permitida essa expressão, um dado que nunca poderá ser apurado cientificamente, ou seja, com método científico.

Do ponto de vista histórico, o nosso tratado mostra uma plena consciência de que a *tekhne* médica possui uma história – e, por vários aspectos, a história da medicina aqui contida apresenta grandes afinidades com a “Arqueologia” do livro I da *Guerra do Peloponeso* de Tucídides – que lhe dá pleno direito de ser considerada *tekhne*, e essa historicidade faz com que o autor considere o momento em que ele escreve como uma etapa no caminho de futuros desenvolvimentos, a ser percorrido conforme o método já elaborado.

A imagem que nos restitui este tratado é a de uma ciência aberta, que se põe, também, em polêmica com outros tipos

de saber, que luta pela própria existência e pelo próprio reconhecimento dentro de um contexto de saberes agonais. Essas características tornam *Sobre a medicina antiga* um texto repleto de sugestões e referências ao contexto intelectual e científico da sua época; dito de outra forma, um livro que dialoga com outros textos e contextos. Estamos no final do século V a.C., um período em que Tucídides fundava a historiografia como ciência, em que a “arte dos discursos” se aperfeiçoava com as obras de eminentes retores e sofistas como Górgias e Protágoras, em que a ciência matemática e a física tiveram um grande desenvolvimento, em que Fídias e Policleto aprimoravam as artes plásticas, em que as cidades foram laboratórios de teorias políticas e antropológicas, em que a tragédia atingiu seu ápice; mas também um período que carregou consigo guerras fratricidas, sedições e reviravoltas institucionais que resultaram em condenações à morte e massacres; e que viu desastres naturais como a terrível peste que afligiu Atenas.

O leitor que colocar este texto dentro do contexto em que foi produzido reparará que não é possível, pelo menos não mais, tentar entender a cultura, a literatura, a filosofia e a ciência sem considerar o grande aporte que a medicina lhes deu.

Boa leitura.

*Silvio Marino* (PPG-Metafísica/UnB; PPGHis/UnB;  
Cultore della materia/Universidade  
Federico II de Nápoles)

Alto Paraíso, 28 de junho de 2023

## II

Tomamos como base para a presente tradução de *Sobre a medicina antiga* o texto editado por W. H. S. Jones (1957). As notas e referências ao texto são numeradas em relação aos capítulos e linhas dessa edição, no entanto, optamos por não exibir a contagem de linhas no texto grego, e conseqüentemente tampouco no português a ele espelhado. Consultamos também as edições de E. Littré (1840), H. Kühlewein (1894) e principalmente a edição mais recente de J. Jouanna (1990), à qual remetemos o leitor em busca de aparato crítico, lições alternativas e notas explicativas mais detalhadas. Na versão aqui apresentada, seguimos quase sempre o texto estabelecido por W. H. S. Jones, porém, em alguns momentos seguimos outras lições, todas elas devidamente assinaladas em notas. No que diz respeito à elaboração das notas explicativas e comentários, também foram muito úteis as traduções de E. Littré (1840), A. J. Festugière (1948), M. Vegetti (1965), M. D. Lara Nava (1983), C. E. Lan (1987) e a mais recente de M. J. Schiefsky (2005). No que diz respeito à tradução, procuramos manter sempre que possível um equilíbrio entre literalidade e fidelidade ao texto grego e a fluência em língua portuguesa, ou seja, entre uma tradução de tendência *estrangeirizante* e uma tradução de tendência *domesticante*, sempre em cotejo com o máximo possível de traduções disponíveis, conforme metodologia adotada em trabalhos de tradução anteriores (cf. Brito; Huguenin, 2020).

Dentre as dificuldades encontradas, duas são dignas de nota. A primeira delas envolve o estilo epidíctico adotado pelo autor, com largo emprego de recursos retóricos e poéticos típicos de apresentações orais em performance – tais como rimas, alitera-

ções, expressões formulares, emprego em série de pares de termos complementares ou opostos semelhantes em sonoridade e duração, elaboração de perguntas retóricas e assim por diante. Tentar reter todos esses recursos na tradução envolve o risco de produzir um texto duro, tortuoso e de difícil compreensão, sobretudo no aspecto sintático. Em boa parte dos casos, optamos pela clareza, fluência e compreensibilidade do texto e nos limitamos a apontar em notas os recursos supostamente utilizados pelo autor. A segunda dificuldade envolve a escolha de um vocabulário adequado para traduzir os termos oriundos da culinária e da prática médica antiga, o que envolve palavras e expressões referentes a vários alimentos, procedimentos, sintomas, doenças e instrumentos. Nesse caso, o principal risco envolve a escolha de termos técnicos cunhados posteriormente à composição de um texto elaborado, ao que tudo indica, na segunda metade do século V a.C., incorrendo assim em anacronismos que prejudicam a compreensão do pensamento do autor em seus próprios termos e contexto histórico. Quanto a isso, acreditamos que o espaço para inovações é bem restrito, sendo mais recomendável se ater às soluções oferecidas pela experiência acumulada dos outros tradutores. Assim, o que segue, portanto, é em parte o resultado de uma pesquisa realizada por Rafael Huguenin no âmbito de seu estágio pós-doutoral;<sup>1</sup> em parte uma continuação das pesquisas sobre as interfaces entre medicina/ceticismo/empirismo, realizadas por

---

1 Junto ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, linha de pesquisa Ontologia, Conhecimento e Linguagem, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob orientação do professor Rodrigo Pinto de Brito.

Rodrigo Pinto de Brito; e também em parte a continuação das pesquisas de Sussumo Matsui sobre epistemologia e história da medicina antiga.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Os tradutores,  
*Rafael Huguenin* (IFRJ-UFRRJ)  
*Sussumo Matsui* (UnB)  
*Rodrigo Pinto de Brito* (UFRRJ)

## *Abreviaturas e referências*

- Arist.EN** = Aristóteles, *Ética a Nicômaco*  
**Arist.Mete** = Aristóteles, *Meteorologia*  
**CH** = *Corpus hippocraticum*  
**DK** = Diels-Kranz, *Die Fragmente Der Vorsokratiker*  
**Gal.Med.Exp.** = Galeno, *Sobre a experiência médica*  
**Gal.Symt.caus.** = Galeno, *Sobre a causa dos sintomas*  
**Hdt.** = Heródoto  
**Hes.Th.** = Hesíodo, *Teogonia*  
**Hom.Od.** = Homero, *Odisseia*  
**Hp.Acut.** = Hipócrates, *Sobre o regime nas enfermidades agudas*  
**Hp.Aer.** = Hipócrates, *Sobre ares, águas e lugares*  
**Hp.Aff.** = Hipócrates, *Sobre as afecções*  
**Hp.Art.** = Hipócrates, *Sobre as articulações*  
**Hp. De arte** = Hipócrates, *Sobre a arte*  
**Hp.Epid.** = Hipócrates, *Epidemias*  
**Hp.Flat.** = Hipócrates, *Sobre os flatos*  
**Hp.Gent.** = Hipócrates, *Sobre a geração*  
**Hp.Loc.Hom.** = Hipócrates, *Sobre os lugares no homem*  
**Hp.Morb.** = Hipócrates, *Sobre as doenças*

*Hipócrates*

**Hp.Morb.Sacr.** = Hipócrates, *Sobre a doença sagrada*

**Hp.Nat.Hom.** = Hipócrates, *Sobre a natureza do homem*

**Hp.Prog.** = Hipócrates, *Prognóstico*

**Hp.Vict.** = Hipócrates, *Sobre o regime*

**Hp.VM** = Hipócrates, *Sobre a medicina antiga*

**LM** = Laks-Most, *Early Greek Philosophy*

**LSJ** = Liddell-Scott-Jones, *A Greek-English Lexicon*

**Lys.** = Lísias

**MSS** = Manuscrito

**Pl.R** = Platão, *República*